

Brecht na pós-modernidade

de Ingrid Dormien Koudela

São Paulo, Nome da Editora, 200?

Ruth Röhl

Dizem alguns críticos que Brecht atingiu a ineficácia de um clássico. O livro *Brecht na pós-modernidade*, de Ingrid Dormien Koudela, prova o quanto o trabalho teórico de Brecht tem a capacidade de se adaptar a novos contextos.

O objetivo do livro é resgatar a proposta estética e pedagógica de Brecht, com vistas à sua aplicabilidade no contexto educacional brasileiro de hoje. Os seis ensaios aí contidos revelam o Brecht pós-moderno que tem por interlocutores Pina Bausch e Heiner Müller. Koudela entende e usa o *Lehrstück* (peça didática) de Brecht enquanto “tipologia dramatúrgica” que visa a um teatro revolucionário do futuro.

No ensaio dedicado a Pina Bausch, Koudela analisa princípios processuais do *Tanztheater* (dança-teatro), relacionando-os com uma perspectiva brechtiana pós-moderna, uma vez que no novo Brecht das peças didáticas, o modo performático substitui o modo narrativo da fábula dos textos clássicos. Tanto em Pina Bausch como no jogo com a peça didática, o corpo é um corpo político, “um corpo inscrito no contexto social”: os sujeitos sociais, com suas experiências pessoais e seus problemas cotidianos, são o foco de atenção em ambos os procedimentos. Todavia, enquanto Brecht está preocupado com o sujeito inserido em seu contexto

histórico, Bausch está interessada nas marcas que esse contexto produz no sujeito físico. O tema central do trabalho de Bausch é a superação da ansiedade: a dança-teatro trabalha com a emoção real.

Heiner Muller, por sua vez, a partir do patrimônio teórico de Benjamin e da escola de Brecht, cria “fragmentos sintéticos” com materiais colecionados. A colisão de tempos heterogêneos possibilita, de um lado, uma revisão crítica do presente à luz do passado – um “diálogo com os mortos” – e, de outro, cria “espaços livres para a fantasia” do receptor, tarefa que considera política por agir contra clichês pré-fabricados e padrões produzidos pela mídia. Em sua *práxis* pós-moderna, Müller traz a experiência corporal para a consciência, possibilitando a criação de “ilhas de desordem na nossa ordem social capitalista”.

Em 1978, Müller escreve *Decadência do egoísta Johann Fatzer*, uma versão do fragmento *Fatzer*, de Brecht, de valor singular na pós-modernidade. O assim chamado *Material Fatzer*, de Brecht, um caos de seiscentas páginas de manuscritos, presta-se de maneira ímpar à experimentação em atos artísticos coletivos.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN-Arte, 1998) recomendam que os textos dramáticos, as formas de representação e as formas

cênicas sejam objeto de estudo e transformação no contexto presente do aluno. É o que Koudela vem fazendo em sua pesquisa teórico-prática, como já mostram as suas publicações *Brecht: um jogo de aprendizagem* (1991), *Um vôo brechtiano: teoria e prática da peça didática* (1992), *Texto e jogo: uma didática brechtiana* (1996) e *Jogos teatrais* (1994). No livro em questão, apoiada didaticamente nos estudos da psicogênese da linguagem e do jogo feitos por Piaget, bem como nas contribuições de Vigotski, Koudela traz uma apreciação crítica do “ato artístico coletivo” de Brecht, acrescentando à teoria o lado prático, através de experimento com orientandos e alunos do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP e do Curso de Pós-Graduação em Artes da ECA/USP.

O jogo está sendo resgatado como fator educacional. No ato artístico coletivo que Brecht propõe como forma de encenação para a peça didática, esta é usada como “modelo de ação” para a investigação das relações dos homens entre os homens. O modelo é objeto de crítica e modificação, a partir do cotidiano dos jogadores. Para isso ele é historicizado, ou seja, contextualizado, e mostrado como temporal e transitório. O mesmo se dá com as atitudes dos jogadores, chegando-se à conclusão de que as

relações entre os homens são mutáveis. Essa é a potencialidade crítica do exercício com a linguagem gestual. Os instrumentos didáticos propostos por Brecht têm por objetivo a educação estético-política.

Segundo Koudela, não importa até onde o aluno chegou, mas o que ele poderá vir a ser a partir da intervenção educacional. O jogo teatral propicia inúmeras versões do texto original, uma multiplicidade de perspectivas que passam pelo crivo da crítica: “A avaliação reflexiva, no jogo com a peça didática, traz a experiência física para o plano da consciência. No jogo com o texto, o gesto é interrompido, repetido, variado e narrado, submetendo a atuação a exame”.

Brecht na pós-modernidade mostra o quanto a arte pode contribuir não só para uma transformação efetiva da escola brasileira, mas também – e principalmente – para a construção da cidadania. Necessário é que a arte passe por um processo de democratização, o que só poderá ocorrer por intermédio da educação. De acordo com Brecht, “democrático é transformar o pequeno círculo de iniciados em um grande círculo de iniciados”.

Enfim, um livro claro, enxuto, prático. Em anexo, o texto traduzido de *O maligno Baal, o associal*, de Brecht.